

Resistência da amizade — Reexistência da política por Rita Xavier Monteiro

Começa com uma intenção. Afinal começa sempre com uma intenção, que entra em tensão lá dentro, para depois ser lavrada nas ideias e nas matérias, partilhada com uma equipa criativa e técnica, destinada a um público. Só que no caso de Filipa Francisco existe, desde o começo dessa intenção, logo como ponto de partida — e sempre — uma vontade de ir ao encontro do outro. De reconhecer ou descobrir fora, o que existe dentro, saber que o seu individual é muitos, um interior colectivo. Mais que espelhos, Filipa precisa que lhe digam ‘Olá’ e ‘Bom dia’, precisa dos outros para saber quem é (Adília Lopes *dixit*). *Partilhas / Exchanges* estreia no âmbito dos dez anos do Festival Materiais Diversos, produtor do projecto, e com quem a coreógrafa mantém uma relação profunda e antiga.

Foi esse motor no sentido do outro que a fez dirigir-se a Eleonora Fabião, artista brasileira, teórica da performance, professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com Eleonora viu partilhar o mesmo prazer das aproximações, a performance como modo de encurtar caminhos, as acções na rua, os encontros de pele. Foi com ela que escolheu cruzar o atlântico via Skype durante um ano, conversas prolongadas resultado de uma admiração e cumplicidade mútua que se começou a desenvolver em 2003. André Lepecki, teórico em estudos de performance na Tisch School of the Arts, em Nova Iorque, tendo também feito parte do movimento da Nova Dança Portuguesa, foi elemento fundamental nesta história dos afectos. Foi com ele que Filipa, depois de obter o apoio de uma bolsa de estudo, continuou a praticar esse ofício que, mais do que *produzir mundo, faz mundo*. Pôr em marcha uma coreografia que se manifesta de dentro para fora da instituição. Trata-se de um *fazer* que é mais um *agir*, na distinção de Hannah Arendt adoptada por Lepecki, uma reflexão sobre *coreopolíticas* — a procura de um lugar de fala para a verdadeira acção política. É esse mundo em potência que ela passa a enumerar em listas, vários cadernos escritos, cartografias reais e inventadas num mesmo plano de interesse. É neste contexto que partilha ambições e metodologias artísticas com Eleonora, e se descobrem ambas movidas pela estética relacional, pela reflexão sobre o que pode a arte, não assim desta forma tão delineada, mas antes —

como nas listas de Filipa —, na cadência delicada das partilhas quotidianas. Tal como a história do coelho de estimação que virou refeição.

São histórias que se contam nos intervalos das formações e dos ensaios, na espuma dos dias, e à mesa dos almoços e dos jantares. É transversal a todas as culturas que a mesa constitui lugar simbólico de reunião, conversa, discussão. Na morfologia do encontro, não será por acaso que Filipa Francisco, depois do solo-destaque em *Leitura de Listas* (2004), cria *Dueto* (2006), com Idoia Zabaleta, constituído por dois solos que se atravessam, uma peça sobre a comunicação e o entrar no território e no imaginário do outro através da distância. Acrescente-se a escrita, ingrediente fundamental no trabalho de Filipa Francisco. *Dueto* foi um projecto desenvolvido a partir de diários e da troca de cartas entre as duas coreógrafas, posteriormente editadas no livro *Bicho* (2009), que teve como resultado *Bicho, eres um bicho*, um exercício de oferta do próprio corpo como refeição ao público, verdadeiro deleite para os sentidos em modo performance-banquete. *Dueto* que deixa de ser dueto para se ampliar a outros corpos e a outras cabeças que pensam o acto criativo, entre elas, Eleonora Fabião. No mesmo escopo, em *Partilhas / Exchanges* também a escrita é dada à leitura, antes ainda da residência e das acções de rua no Rio de Janeiro, não só porque Eleonora *conversa sobre qualquer assunto* como porque, na proximidade das ligações virtuais, o oceano se transforma numa curta margem. Ou porque, como diz o poema de Jorge Mautner cantado por José Miguel Wiznik, “a descoberta do outro é puro prazer. Meta, meta, meta, meta, meta, meta, meta, meta, meta, Metafísica.”

Estão juntas no Rio de Janeiro, encontram-se, calcorreando as ruas e as pessoas uns bons pares de horas e durante alguns dias — *Gostaria de entrevistar você* e *Leitura de mão em mão*. A poucos dias antes da eleição de Bolsonaro, Filipa terá certamente encontrado nessa cidade maravilhosa, um *Mundo em Rebolicho*, nome que também deu à sua associação. Uma cacofonia de vozes, identidades e memórias são incorporadas nesta nova criação. Desengane-se quem pensa que depois da escuta, a assimilação é apaziguada. Ainda que elencada em registo escrito, nesse exercício do *viver com* há inevitavelmente uma selecção e eleição a partir de uma energia relacional, da empatia. *Para uma política da amizade* — como é o título do livro de Francisco Ortega —, ultrapassamos a visão romântica e associamo-nos ou afastamo-nos dos outros mediante a palavra e a acção num mesmo território. Também aqui esta amizade artística entre

Filipa e Eleonora, e entre Eleonora e Filipa e todas as pessoas que se cruzam no quadro social e político que as rodeia, desde a cidade onde nasceram e vivem, até ao mundo global, é uma amizade enquanto exercício político. Um *amor mundi* (H. Arendt) que é o olhar no mesmo sentido, o reexistir na desconstrução: da massificação, de uma lógica que anule a diferença e a diversidade, de um poder autoritário e totalizador. Nessa dança de múltiplos sentidos entre identidade, memória e resistência, elas procuram ‘mover-se junto’ através da performance. Depois da partilha de matérias, Eleonora intui que ‘a peça está aí’, nos cadernos de Filipa, ‘ela sabe fazer sentidos’. Esse lugar de partilha também pode acontecer num corpo só. E é assim que camadas de histórias prontas a ser contadas cabem neste corpo único, um solo que ao mesmo tempo é íntimo e público, pessoal e colectivo, excepcional e comum. Após largos anos a dirigir as suas peças e a correr muitos palcos, inscrevendo os corpos dos outros em *A Viagem* (2011), que atravessa da tradição ao contemporâneo e *Projecto Espiões* (2016), que suscita uma história da dança individual, Filipa Francisco decide voltar à cena. *Partilhas / Exchanges* são essas memórias, como descreve, *em espiral*: as danças tradicionais Palestinianas que a fizeram olhar com outros olhos para o folclore português, a viagem ao Brasil, o encontro com Eleonora Fabião, o desejo da oralidade, de escutar e falar diante de alguém ou alguns, como se fazia na aldeia dos seus avós, em Água das Casas.

Estreia no Cine-Teatro Rogério Venâncio em Minde, lugar não muito longe dali, mas não estranhe quem vir Filipa aqui e acolá, calcorreando aquele território de *materiais diversos* que é seu território-mãe (efectiva e afectivamente), em relação amorosa com a rua, as pessoas, o seu programa artístico sem fim. Acaba com uma conversa. Mais conversa, mais acção, caminhos outros. E é mantendo o respeito pela inscrição da memória, que este projecto artístico *poético e político, de resistir e de reexistir*, é uma viagem que não acaba nunca. Talvez a sua missão enquanto artista possa ser metaforicamente semelhante à do seu avô enquanto barqueiro, que no seu barquinho a remos encurtava a distância entre um lugar — e outro lugar.